

MELHORES DIAS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O Estado de S. Paulo, 25 de setembro, 2001.

O ataque terrorista a Nova York e Washington, além de horror e indignação, causou medo de guerra, pessimismo, e redução do consumo. Os temores pareciam confirmar-se quando os Estados Unidos imediatamente se declararam em guerra, embora não houvesse país inimigo, mas grupos terroristas, a atacar. Entretanto, passado o pior momento da crise, estou identificando sinais de que o governo e a sociedade americana começam a avaliar com mais calma o que aconteceu, como é próprio de uma grande democracia, e, por isso, as probabilidades de guerra diminuíram sensivelmente.

Hesitei em escrever este artigo, em meio a tanta insegurança, mas decidi fazê-lo porque o pessimismo excessivo, se infundado, só nos fará mal, seja no plano pessoal, seja no econômico. Ora, creio ter alguns fatos e dois argumentos que justificam que não se preveja o pior.

Vamos aos fatos. Enumero apenas quatro: a visita do presidente Bush a uma mesquita em Washington; seu discurso no Congresso; o editorial do jornal *The New York Times* de 22 de setembro; e a decisão do Pentágono de abandonar o título infeliz que havia escolhido para suas ações, “Justiça Infinita”. O significado do primeiro e do último fato são claros: não haverá guerra de civilizações, nem nada longinquamente parecido com isso.

O discurso de Bush do dia 20 de setembro, quando lido com atenção, é o discurso ponderado, ainda que indignado, de um líder de uma nação democrática. Sabemos que é um político conservador e podemos ter desconfianças quanto à sua capacidade, mas o fato é que neste episódio ele se tem comportado à altura do cargo. Em seu discurso, disse o presidente qual será o tipo de “guerra” que está começando: “Essa guerra não vai ser como a guerra contra o Iraque há uma década, com sua decisiva libertação de território e rápida conclusão. Não vai se assemelhar à guerra aérea em Kosovo há dois anos, onde tropas terrestres não foram usadas e nem um único americano foi perdido em combate. Nossa reação envolve muito mais do que

retaliação instantânea e ataques isolados. Americanos não devem esperar uma batalha, mas sim uma campanha extensa, diferente de qualquer outra que nós já vimos. Ela pode incluir ataques dramáticos, visíveis na televisão, e operações secretas, sigilosas até mesmo no sucesso.”

Ora, embora a frase não exclua a possibilidade de “ataques dramáticos”, ela nos informa que não devemos “esperar uma batalha”. Não haverá, portanto, uma guerra mais ampla. Apesar da repulsa que nos causa o regime político fundamentalista Taleban, nem mesmo contra o Afeganistão haverá provavelmente uma guerra que mereça esse nome, já que esse país não pode ser considerado um inimigo que seja preciso derrotar.

Por outro lado, o editorial do *New York Times*, publicado no *Estadão* (23.9), é também reassegurador. Visivelmente preocupado com o clima de guerra que surgiu no país, diz o editorial: “Com a possibilidade de cerca de 6 mil civis terem morrido no atentado ao World Trade Center, a América tem todo o direito de atacar os responsáveis, sejam quem forem. Mas, ao fazer isso, Washington precisa estar atenta ao selecionar alvos e prever as conseqüências políticas que essas operações militares devem produzir no mundo islâmico. O resultado da guerra contra o terrorismo deve ser a erradicação, ou pelo menos sua contenção, e não a criação de uma nova onda de hostilidade contra os EUA”. O objetivo das ações militares, portanto, é punir os responsáveis, não é a vingança, que só estimularia o ódio, levando a “uma nova onda de hostilidades contra os EUA”. E o editorial continua, afirmando que o Presidente Bush já percebeu esse perigo.

Poderia alguém argumentar que estes fatos são suficientes para que afastemos a probabilidade de guerra, de aumento da insegurança, e de aprofundamento da crise econômica. Não o seriam se os Estados Unidos não fossem um país capitalista moderno e democrático e se não soubéssemos, primeiro, que o capitalismo moderno não se interessa mais por guerras e, segundo, que as democracias não enfrentam seus inimigos pensando em vingança. Esses são os meus dois argumentos.

As guerras, nos regimes pré-capitalistas, visavam escravizar ou transformar em colônias e submeter à tributação os povos vencidos. No capitalismo mercantil, serviu para definir o espaço nacional de cada novo Estado-nação que se formava e para garantir o acesso exclusivo a mercados através do estabelecimento de colônias. No capitalismo industrial, serviu ainda para abrir mercados, assegurando a colocação de seus produtos ou o acesso a insumos estratégicos. Na medida, porém, que estes dois últimos fatores foram assegurados, a guerra perdeu o sentido econômico. Houve ainda quem afirmasse, logo após a Segunda Grande Guerra, que ela era funcional para superar a insuficiência crônica de demanda, mas esta tese não faz sentido. Há formas mais racionais de alcançar o mesmo objetivo. Tanto não faz que já há bastante tempo as bolsas internacionais têm sempre caído quando surge uma ameaça de guerra.

Por outro lado, o recurso ao argumento da honra, e ao mecanismo da vingança, eram formas típicas das sociedades aristocráticas e autoritárias de “fazer justiça”, mas não se sustentam em sociedades como a americana, em que imperam o Estado de Direito e a democracia. Esta democracia pode ter suas falhas, mas é suficientemente desenvolvida para saber que a forma civilizada de fazer justiça contra aqueles que atacam a sociedade é puni-los, desestimulando novos ataques, e reprimi-los, impedindo-os de fazê-lo.

Nas democracias, os problemas não são resolvidos entre quatro paredes, mas são o resultado de amplo debate público como aquele que está ocorrendo hoje nos Estados Unidos. O povo americano está justamente indignado, mas – no debate que está sendo travado – ele avalia seu interesse nacional, a necessidade de alianças, o perigo do aumento do ódio fundamentalista, o valor dos princípios gerais de justiça em que sua própria sociedade está fundada e a importância de defender seu povo e todo o mundo civilizado sem se igualar a seus agressores. É o resultado provável dessa avaliação, nos quadros de um capitalismo moderno e democrático, que me faz prever melhores, e não piores, dias do que aqueles que o pessimismo atual autoriza.